

Tristeza e isolamento

Imagine tentar por inúmeras vezes ser quem você não é, ainda mais quando criança. Foi assim que Illus, 41, começou a própria jornada no mundo. Sempre que buscava se socializar, se frustrava. Desde muito cedo, a mãe percebeu que ela, frequentando a escola, nunca conseguia participar das brincadeiras com outros colegas. Com isso, as professoras eram questionadas, mas respondiam que tentavam a introduzir nas participações, mas sem sucesso.

“Não era uma criança triste por isso, embora tivesse a impressão que nem meus colegas, nem meus professores gostassem de mim. Só não me sentia mais isolada porque morava numa vila, em Minas Gerais, e, com as crianças da vila, meu irmão era uma espécie de ponte que me ajudava a participar de algumas brincadeiras. Na adolescência, minhas dificuldades aumentaram muito, e a escola se tornou quase insuportável pelo bullying que sofria diariamente”, revive.

A partir dos 17 anos, passou a se esforçar para socializar, pois sentia que demorava demais para conseguir fazer amizades, mas mesmo com muito esforço, o contato com pessoas da própria idade era sempre limitado e cheio de frustrações. “Não tinha grandes dificuldades no estudo, mas me sentia ignorada por meus professores, até que entrei em contato com a física, e esse se tornou um assunto de interesse intenso”, acrescenta.

Fez o bacharelado em física, o mestrado e o doutorado em geofísica espacial, e era sempre vista como inteligente, mas pouco esforçada. No mercado de trabalho, teve a primeira grande barreira. Não conseguia exercer sua profissão, pois a exigência social se tornou um imperativo. Resolveu mudar de área, foi para a música, outro hiperfoco de Illus. Fez coisas incríveis, um talento nato, mas não o suficiente para mantê-la no eixo e desenvolver uma carreira.

“Quando perdi o apoio de duas produtoras, muito competentes, que trabalhavam em alguns projetos comigo, entrei em depressão. Naquele momento, percebi que meus esforços não tinham me levado a lugar nenhum, e que minhas dificuldades sociais eram reais. O autismo foi a primeira coisa que veio à minha cabeça”, narra.

O mundo se abriu

Resolveu estudar mais sobre o assunto e, por fim, se estruturar para realizar avaliação diagnóstica. “Veja bem, sempre soube que era



“Sempre soube que era diferente. Percebi como pensava, sentia e estruturava o mundo de uma forma diferente. Mas não compreendia completamente minha diferença no mundo. Por causa da dificuldade de seguir minha profissão, entendi que precisava de ajuda.”

Illus

UMA FAMÍLIA

Hoje, Illus é cofundadora do projeto **Adultos no Espectro (@adultosnoespectro)**, que começou com uma página do Instagram que fornece informações científicas, além de ser um local de acolhimento para adultos autistas, sejam diagnosticados tardiamente, seja na infância. “Somos uma plataforma de soluções em saúde mental voltada para adultos autistas. Temos cursos rápidos e workshops, grupos de apoio, profissionais associados que fazem diagnóstico e tratamento, como psicólogos, psiquiatra, neurologista e terapeuta ocupacional,

diferente. Percebi como pensava, sentia e estruturava o mundo de uma forma diferente. Mas não compreendia completamente minha diferença no mundo. Por causa da dificuldade de seguir minha profissão, entendi que precisava de ajuda. Nunca me senti uma pessoa com problemas, mas realmente vivia com uma espécie de neblina que me impedia de compreender o mundo e até a mim mesma.”

Quando o diagnóstico chegou, há poucos anos, o primeiro momento foi de uma euforia enorme. Inocentemente, pensava que, quando soubessem que ela era autista, iriam validar todas as coisas que relatava como difíceis. “Acabei descobrindo que a sociedade é capacitista.

e agora daremos início à nossa pós-graduação”, informa.

Todas essas ações são coordenadas por ela e Mayck Hartwig, com quem divide as responsabilidades da iniciativa. O projeto conta com a arte e a experiência cotidiana da pessoa autista e a neurociência como direcionadores do pensamento e do desenvolvimento de linguagem. “Entendemos que é importante aprender e ressignificar tudo o que diz respeito ao que se conhece no autismo. A diferença precisa ser celebrada e muitos saberes são necessários para se compreender o mundo da pessoa neurodivergente.”

E qualquer apoio teria que ser conquistado com muita luta. Mas, dessa vez, eu tinha as leis ao meu lado e, finalmente, apoio terapêutico para me fortalecer e me ajudar a lutar para ter uma vida que valesse a pena ser vivida”, adita Illus.

A descoberta, apesar de difícil para o mundo externo, dentro dela, foi como nascer de novo. Reaprender consigo mesma, enxergar os pontos fortes que sempre existiram e, principalmente, a ter paciência no processo que vem seguindo até então. Sua força, completamente resgatada, une-se ao entusiasmo de viver e fazer com que a vida de outras pessoas também seja melhor. Por isso, o nascimento de um novo movimento, que vem mudando os rumos do país.